



Do “Chapa E Cruz” Ao “Pau Rodado”: A Hospitalidade Cuiabana E A Imigração Em Mato Grosso¹

Autor: Luiz César de Miranda²

Universidade Anhembi Morumbi - UAM

Resumo

O processo imigratório no Brasil teve diversas motivações, mas indubitavelmente sempre esteve relacionado com a situação econômica por que passava tanto o país emissor quanto o receptor. Além da questão da substituição da mão de obra escrava, a classe dominante também queria uma mudança na composição étnica brasileira. Em Mato Grosso, as razões foram a povoação do norte do Estado e o desemprego que acontecia no sul do Brasil. Também devido ao apelo do Estado e a divisão territorial, Mato Grosso recebeu milhares de imigrantes, que influenciaram no cotidiano dos seus habitantes, principalmente a cidade de Cuiabá. Novos costumes e hábitos levaram a uma reação hostil no seu início, mas que trouxe miscigenação do povo e da cultura local. Nesse cenário, a hospitalidade da cidade também passa por adaptações sem deixar a tradição se apagar. Neste trabalho o objetivo é discutir a influência recebida na hospitalidade pelo ingresso dos imigrantes em Mato Grosso, tendo a sua capital como cenário do estudo. Palavras chaves: Cuiabanos; Imigrantes; Costumes; Mato Grosso; Hospitalidade.

1 Introdução

Longe de querer fazer algum levantamento histórico sobre a formação do povo brasileiro e da imigração acontecida no Brasil, este texto tem como objetivo burilar o pensamento sobre as possíveis influências que a imigração dos paranaenses e gaúchos para o centro oeste do país, mais especificamente para a cidade de Cuiabá, causou na hospitalidade do cuiabano.

Cuiabá sempre foi considerada uma cidade de povo hospitaleiro pelos a visitam. A hospitalidade na recepção do turista certamente sofreu uma mudança devido ao processo de desenvolvimento da região com a chegada dos novos cuiabanos e seus hábitos. Para entender essa influência, foi necessário um estudo bibliográfico sobre a formação da sociedade cuiabana, a entrada de imigrantes na cidade e região assim como a sua incorporação ao cotidiano local.

¹ Trabalho apresentado ao NP 19 – Comunicação, Turismo e Hospitalidade, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Graduado em Administração de Empresas com ênfase em Comércio Exterior, especialista em Administração Hoteleira, Professor universitário no curso de Turismo, leciona como autônomo para cursos de hotelaria para o Senac e Sebrae. Aluno do curso de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi-Morumbi em São Paulo, S.P., cujo o tema de pesquisa é o ensino da hospitalidade nos hotéis de Cuiabá, com orientação da Professora Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker. Endereço eletrônico: lcmir@terra.com.br.



Este trabalho é eminentemente uma pesquisa bibliográfica sobre a formação da sociedade brasileira para compreender a expansão ao centro-oeste do país. Textos e livros de estudiosos sobre o assunto foram lidos, bem como a observação do autor que percebeu a mudança de atitudes da sociedade mato-grossense principalmente no decorrer dos últimos vinte e cinco anos.

Antes de começar a discussão, faz-se necessário o entendimento de duas expressões utilizadas pelos habitantes da capital mato-grossense no sentido de denominar aqueles que são nascidos em Cuiabá e aqueles que lá chegaram: são o “Chapa e Cruz” ou “Tchapa e cruz”, como é foneticamente pronunciado, e o “pau – rodado”. O primeiro, segundo Gomes (2000), é uma expressão para designar aquele que nasceu e se batizou em Cuiabá; enquanto que a segunda expressão é usada para designar o que reside na cidade, porém é originário de outro Estado.

Na primeira parte do texto, é feita uma breve contextualização sobre o processo de formação da sociedade brasileira, bem como analisada as motivações da vinda dos imigrantes ao território nacional e o que isso representou para o desenvolvimento do país. Em seguida, o assunto é dirigido para a localidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, começando pela sua fundação e chegando até os dias atuais com ênfase no aspecto migratório e as conseqüências para o costume e hábitos da vida do Cuiabano.

Não é a intenção do autor superestimar os costumes da tradição em detrimento dos valores e costumes atuais que receberam a influência dos imigrantes. Ao contrário, busca-se sim, ressaltar os hábitos existentes atualmente, respeitando e valorizando a fusão com a tradição antiga. É sabido que a miscigenação de culturas e raças trazem o desenvolvimento de um povo, a partir do instante que não deixe desaparecer a origem de tudo, as tradições do ontem.

2 Reflexões sobre o “Povo Brasileiro”

Desde o descobrimento do Brasil, a nação sempre foi visto pelos portugueses como uma oportunidade de enriquecimento e exploração. Diferente da colonização espanhola, por muito tempo os portugueses somente tiraram das terras brasileiras as riquezas para o enriquecimento da Corte em Portugal. Como Sergio Buarque de Holanda diz, o Brasil foi colonizado pelo tipo “aventureiro”. Nenhum outro povo como o lusitano foi capaz de se adaptar tão bem na América. O português vinha para a colônia



em busca de riqueza sem muito trabalho, optando por uma vida aventureira Ao invés do trabalho agrícola.

Enquanto na maior parte do mundo o povo de cada nação é reconhecido pelo seu tipo físico, cor de cabelos, altura ou cor de pele, no Brasil é quase impossível determinar estereotipo do seu povo. É bem verdade que somos conhecidos pela estatura baixa, cabelos negros e pele morena para negra, no entanto, muitos ruivos, loiros, altos e brancos são nascidos no território brasileiro devido a influencia da imigração ocorrida principalmente após a abolição da escravatura.

Originalmente, o brasileiro, segundo Damatta (1987), é composto por uma conjunção tríplice de raças: o negro, o branco e o índio. Nessa composição, muitas outras se originaram e continuaram se formando na medida em que novos povos foram chegando ao Brasil a procura de oportunidades de trabalho e de terras para cultivo. Sobre essa triangulação de raças, Damatta (1987, p.63) diz:

Em outras palavras, nos Estados Unidos não temos um ‘triângulo de raças’ e me parece sumamente importante considerar como esse triângulo foi mantido como um dado fundamental na compreensão do Brasil pelos brasileiros. E mais, como essa triangulação étnica, pela qual se arma geometricamente a fábula das três raças, tornou-se uma ideologia dominante, abrangente, capaz de permear a visão do povo, dos intelectuais, uns e outros gritando pela mestiçagem e se utilizando do ‘branco’, do ‘negro’ e do ‘índio’ como as unidades básicas através das quais se realiza a exploração ou a redenção das massas.

A triangulação mencionada pelo autor é também sinônima de racismo e preconceito. O branco pertencente à classe dominante, o negro e os índios escravizados por eles. No entanto, no caso brasileiro não foi possível evitar a mestiçagem das raças e surgir o povo brasileiro com as características físicas e culturais do negro, do branco e do índio. Se no plano social e político o Brasil é rasgado por hierarquizações conflituosas, o mito das três ‘raças’ une a sociedade num plano ‘biológico’ e ‘natural’, domínio unitário, prolongado nos ritos de Umbanda, na cordialidade, no carnaval, na comida, na beleza da mulher (e da mulata) e na música (DAMATTA, 1987, p.70).

Com o processo de migração de estrangeiros para o Brasil a diversidade das raças é forte no país. Foi somente após a abolição da escravatura, que a migração internacional para o Brasil ganhou força, e uma grande onda migratória constituída de europeus e asiáticos introduziu em terras brasileiras cerca de cinco milhões de imigrantes (BASSANEZI, 1996, p.3).



A elite da época, final do século XIX, acreditava que o progresso do país dependeria da composição étnica de seu povo. Esses estrangeiros faziam parte de um projeto para “embranquecer” e refinar a sociedade brasileira. Em novembro de 1883 foi fundada no Rio de Janeiro, a Sociedade Central de Imigração com a tarefa de divulgar os ideais de uma sociedade formada por nomes de renome na Corte e acreditavam que o desenvolvimento material e intelectual do ex-escravo seria alcançado com a propriedade da terra e o exemplo da superior cultura européia. (PESSANHA, 2005, p.21)

Outro motivo do incentivo à imigração foi a substituição do trabalho escravo e a necessidade de ocupação das áreas de baixa densidade demográfica. Devido à mentalidade escravocrata dos produtores brasileiros, os contratos com os imigrantes eram muito desvantajosos para eles, no entanto, em virtude das dificuldades por que a Europa passava tanto economicamente como socialmente (revolução industrial, por exemplo), os pequenos produtores de países como a Alemanha e Itália se viram obrigados a buscar novos rumos.

Elias (2005,16-17), em um artigo na revista *Nossa História*, diz que “entre 1860 e 1940 nada menos que 20 milhões de italianos deixaram seu país em busca de outras paragens. E de 1870 a 1920, 1,4 milhão deles escolheram o Brasil, ou seja, 42% dos mais de 3 milhões de estrangeiros que vieram para o país nessa época”. Certamente que uma pequena parcela desse montante chegaram até o Estado de Mato Grosso ou os filhos daqueles que nesse período vieram para os Estados do Paraná e Rio Grande do Sul atualmente estão estabelecidos no centro-oeste do Brasil.

Com esse panorama onde o povo é resultante de uma miscigenação de povos e raças, o brasileiro é conhecido mundialmente como sendo hospitaleiro e cordial, que está sempre alegre e capaz de se livrar das situações mais embaraçosas. Buarque de Holanda (1995) fala sobre o homem cordial que, ao contrário do que aparenta, não significa um sujeito bondoso, mas apenas o predomínio dos comportamentos de aparências afetivas, inclusive nas manifestações externas, mas nem por isso sinceras, ou profundas. A cordialidade de que nos fala o autor, não é sinônimo de civilidade, de polidez. Para o autor, o brasileiro age com o coração, com o sentimento. É aquele generoso, de bom trato, que para confiar em alguém primeiro precisa conhecê-lo e criar intimidade.

3 Fundação de Cuiabá

Cuiabá foi uma cidade que teve a sua fundação por fruto de um acontecimento inesperado pelos bandeirantes paulistas que foram ao interior do país em busca de índios para se tornarem escravos. No entanto, ao invés de conseguir capturar os índios da região, os membros da bandeira comandada por Pascoal Moreira Cabral encontraram minas de ouro que seria muito mais lucrativo para a colônia. Sobre isso, Corrêa diz em seu livro *História & estórias do fisco Mato-grossense*:

Consta que a descoberta do ouro de Cuiabá – que viria a ser a principal atividade econômica no período colonial, ocorreu ao acaso, fruto da curiosidade de um dos integrantes da bandeira de Moreira Cabral.

Estavam eles preparando alguns roçados para garantir a sobrevivência do grupo, em princípios de 1719, depois de uma frustrada tentativa de dominar os índios coxiponés, quando um deles resolveu perscrutar o leito da foz do ribeirão Coxipó.

Os bandeirantes ficaram eufóricos com os primeiros resultados: haviam encontrado ouro, que era um bem muito mais valioso do que estavam procurando e, até então, com reduzido sucesso. Tal descoberta foi tão importante que transformou até os objetivos da bandeira de Moreira Cabral. Ao invés de uma incursão sem outro objetivo senão o da volta à origem após o aprisionamento de índios, eis que a 8 de abril de 1719, os intrépidos bandeirantes paulistas assinam o termo de fundação de Cuiabá (CORRÊA, 1996, p. 17).

Dessa maneira inesperada e sem nenhuma intenção, nasce Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, que segundo previsão do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2005 sua população é de 533.800 habitantes.

Da sua criação até praticamente o início do século XX, pouca coisa aconteceu na região que pudesse afetar a vida dos seus habitantes. Somente com a crise econômica mundial nos anos 30, que chegou a atingir o ciclo do café paulista e que havia atraído fortes contingentes de migrantes para o Brasil, provocou dispersão populacional. Uma parcela da população dirigiu-se para as fronteiras internas enquanto outra foi para as cidades (MARTINE, 1994)

O ciclo da borracha e a agricultura são as razões mais prováveis para esse incremento no fluxo de migrantes para a região norte e centro-oeste do país. Nesse momento também aparecem em Mato Grosso, imigrantes estrangeiros que, indubitavelmente, deram um impulso na economia local, destacando-se os sírios e libaneses com o comércio. A esse respeito Bassanezi analisa censo de 1920, dizendo:

O censo de 1920 mostra um incremento de estrangeiros nos estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso. No auge do ciclo da

borracha, podemos encontrar a explicação para a existência de um número razoável de estrangeiros nestes locais. [...] Nos dois primeiros estados (Amazonas e Pará), os portugueses eram a imensa maioria, mas haviam também espanhóis, turcos, ingleses, italianos alemães e outros. No Mato Grosso, predominava mais uma migração de fronteira: paraguaios e pessoas oriundas de outros países latino-americanos correspondiam a aproximadamente 70% do segmento estrangeiro em 1920.[...] É provável que, além das atividades extrativistas, a agricultura de subsistência na fronteira e/ou a expansão da agropecuária, estejam por trás do número de estrangeiros nesse Estado (BASSANEZI, 1996, p.15).

O processo imigratório para Mato Grosso se intensifica na segunda metade do século XX, ao verificar os censos de 1960 aos tempos atuais é possível constar um aumento significativo da população cuiabana. Na tabela apresentada por Brandão (1997, p.2-65) é possível verificar tal realidade.

Tabela 1
População de Cuiabá 1960-1990

ANO	URBANA	RURAL	TOTAL (hab.)
1960	(*)	(*)	57.860
1970	90.683	12.744	103.427
1980	198.086	15.065	213.151
1990	394.136	7.167	401.303

Fonte: IBGE

(*) IBGE não dispõe desses dados

(**) Estimativa IBGE

É inevitável olhar a tabela acima e se assustar com o tamanho crescimento populacional em tão pouco espaço de tempo. Entre os anos de 1960 à 1990 a população da cidade de Cuiabá cresce cerca de 693% . Esse crescimento é comentado por Rosa ao se comparar a urbanização de Cuiabá com outras regiões do país no período de 1940 à 1970.

Sua urbanização, condicionada por um isolamento menos desejado que imposto, foi lenta mas crescente na Colônia, no Império e na República Velha. A partir, porém, da “marcha para o Oeste” da quadra estadonovista, passou a apresentar taxas de urbanização superiores às do Estado, da Região e do País: 42% em 1940; 48,6% em 1950; 87,7% em 1970 (ROSA, 1995, p.99).

Matsubara (1994) aponta o desemprego nas grandes capitais como uma das causas do deslocamento de migrantes saídos da região sul e sudeste do país:

A década de 60 marca o processo de ocupação de Mato Grosso, que intensifica pelo forte afluxo populacional advindo das regiões que já enfrentavam a acentuação dos problemas característicos das grandes metrópoles. Entre estes, a restrição dos mercados de trabalho; a alta concentração populacional nos centros urbanos desencadeando as lutas pela ocupação do espaço urbano; a deterioração gradativa das condições de vida e acesso aos bens e serviços da sociedade (MATSUBARA in TORRES, 1994, p. 254).

Na segunda metade da década de 70, devido ao atrativo de grandes porções de terras disponíveis para a agricultura, muitos filhos do sul do Brasil fossem até Mato Grosso. Empresas colonizadoras chegaram ao norte do Estado para a extração da madeira e fundar cidades que recebiam nomes das filhas, esposas dos proprietários das colonizadoras ou mesmo das próprias colonizadoras. Cláudia, Luciara, Marcilândia, Vera, Sinop, Colider entre outras são municípios que foram criados.

Certamente que o extremo norte daquele estado federativo tem características e costumes diferentes da capital. É como se estivesse visitando uma das cidades gaúchas ou paranaenses: povo de pele branca, altos, cabelos loiros, olhos claros, com sotaque diferente e uma cuia de chimarrão às mãos. Diferente dos cuiabanos que originalmente são pardos, estatura baixa, cabelos e olhos negros e, ao invés do chimarrão, um copinho de guaraná em pó diluído em água gelada e açúcar para se refrescar do calor escaldante da cidade.

Corrêa (1996) comenta sobre o aspecto da influencia cultural que foi introduzida aos cuiabanos e mato-grossenses pelos novos residentes idos do sul.

No processo de crescimento econômico vivenciado por Mato Grosso a partir da metade da década de 70, a participação de migrantes do sul do País, particularmente do Paraná e Rio Grande do Sul, foi um fator fundamental. Os sulistas trouxeram para Mato Grosso novas técnicas de plantio agrícola, introduziram a soja – hoje o principal produto produzido no Estado -, aplicaram capitais, enfim, revolucionaram a economia do velho Mato Grosso. [...]

Não bastasse isso, os gaúchos introduziram aqui diversos hábitos e costumes, que hoje fazem parte do cotidiano dos mato-grossenses, tais como o mate, o churrasco e as danças típicas. Neste campo, particularmente, os gaúchos têm o poder de *colonizar* a cultura dos lugares para onde vão – e Mato Grosso não foi exceção (CORRÊA, 1996, p. 88-89).



Não foram apenas os irmãos do sul que chegaram a Cuiabá e ao estado de Mato Grosso. Muitos paulistas, mineiros e alguns nordestinos e cariocas também. Se considerarmos os imigrantes estrangeiros, os italianos, sírios e libaneses também tiveram uma parcela nessa formação da nova identidade do cuiabano. Aliás, independentemente do país do Oriente Médio do qual a pessoa fosse procedente, em Cuiabá eles são chamados de “turcos”. Sem nenhuma provocação política ou querendo diminuir os libaneses e sírios, o cuiabano sempre foi neutro nessas questões internacionais, mas como que para simplificar, eles são simplesmente “turcos”.

No Brasil, o povo acostumou-se a denominar de *turco* todo imigrante do Oriente Médio. Para Mato Grosso, é bem provável que vieram poucos turcos de verdade. Aqui aportaram, isto sim, muitos palestinos, árabes, sírios e libaneses, que se fixaram no início do século principalmente em Corumbá, Campo Grande e Cuiabá, tendo uma importante participação na formação da sociedade mato-grossense (CORRÊA, 1996, p.96).

O comércio varejista local era dominado pelos árabes, sírios e libaneses, onde havia balcão que dividia o atendente e o freguês. Atualmente, já não se tem balcão e as mercadorias estão expostas nos corredores ou até mesmo nas calçadas (BARROS, 1984, p. 42-43). Muitas famílias originárias do Oriente Médio se tornaram grandes comerciantes e fizeram dinheiro na região.

4 Divisão do Estado

Outro momento peculiar na história de Mato Grosso foi a sua divisão em dois Estados Federativos: o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul. Devido até mesmo a sua proximidade com a região mais rica do país, Campo Grande sempre foi mais desenvolvida que Cuiabá em termos de tamanho populacional e atividades econômicas, porém, a capital do Estado era Cuiabá. Por se sentirem prejudicados por essa situação o movimento separatista foi forte o suficiente para conseguir a divisão do Estado com a alegação de que a região sul de Mato Grosso precisava de autonomia para poder se desenvolver. Mesmo contra o desejo do então governador do Estado, José Garcia Neto, em 11 de outubro de 1977 foi aprovada pelo congresso a Lei Complementar 31 e sancionada pelo presidente Ernesto Geisel, por meio do qual o novo Estado federativo foi oficialmente implantado a 1 de janeiro de 1979.

No entanto, mesmo contra as previsões pessimistas daqueles que não aceitavam a separação, o resultado da mesma foi mais interessante para Cuiabá.

Paradoxalmente, as conseqüências da divisão foram altamente benéficas. O norte como que se libertou do sul. O pouco da receita, que vai em um crescendo, toda ela é aplicada só aqui. Mato Grosso avança para o norte. A verdadeira conquista da Amazônia está-se fazendo através do nosso Estado, mais propriamente de Cuiabá (BARROS, 1984, p.118).

É bem verdade que a separação trouxe benefícios para Cuiabá, entretanto, se já havia uma certa rixa do cuiabano com o campo-grandense, depois da divisão do Estado, essa rixa aumentou. Atualmente já não é com a mesma intensidade, mas o Cuiabano que viveu esse período da história se sente ofendido se for confundido com um sul-mato-grossense e vice-versa e passa essa mágoa para os seus descendentes.

A cidade não estava preparada para tal crescimento. Aconteceu de maneira que não deu tempo para que os naturais da região pudessem absorver a mudança e a introdução de novos costumes trazidos pelos migrantes, principalmente os do sul que chegaram em grande quantidade e em período pequeno de tempo. Esse fato fez com que a própria identidade do cuiabano fosse posta à prova causando desconforto tanto para os que já habitavam na região quanto aos que estavam de chegada. O resultado disso foi o preconceito de ambos os lados.

O preconceito contra o migrante é capaz de provocar situações de conflito e também é uma arma para mostrar ao estrangeiro a existência de classes sociais que devem ser respeitadas na sua formação. Para enfrentar tal xenofobia, somente o tempo oportunizará as pessoas a se integrarem com o previamente estabelecido. Ou o estrangeiro se integra aos costumes da sociedade de recepção local ou tenta impor suas condutas, o que certamente, será a forma mais difícil de conquistar um espaço. Daí então, a diferença de classes sociais imposta pela luta das raças.

Pelo lado dos cuiabanos de “chapa e cruz”, como são chamados aqueles que nasceram e pretendem ser enterrados em terras cuiabanas, os paranaenses e gaúchos levaram a violência para a cidade e são vistos como sinônimos de pessoas desonestas que tinham o costume de pagar suas contas com cheques sem fundos. Pelo lado dos “paus-rodados”, uma alusão aos galhos de que caem nos rios e são levados pela corrente até se prenderem pelo caminho, os cuiabanos é indolente, sem iniciativa e acomodado. Começa aí uma batalha na busca da harmonia entre os diferentes.



O fato da pessoa ter que deixar sua terra por qualquer motivo ou por uma necessidade imposta e recomeçar a sua vida num lugar totalmente diferente, faz com que situações desconfortantes aconteçam. Principalmente se esse migrante vem de um lugar mais desenvolvido e com nível educacional melhor (aqui entendendo educação como ensino regular) é possível entender a reação dos mesmos. Assim como também é compreensível a reação discriminatória dos que recebem, pois vêm como se estivessem sendo invadidos por um grupo que quer mudar e impor novas regras.

A discriminação não é algo que se dirige apenas ao diferente, mas ao estranho, ao indivíduo desgarrado, desconhecido e solitário: ao estrangeiro – o que, numa palavra, não está integrado na rede de relações pessoais altamente estruturadas que, por definição, não pode deixar nada de fora: nem propriedade nem emoção nem relação (DAMATTA, 1981, p.76).

Diante de uma situação que não tem como ser revertida, a sociedade passa por um processo de adaptação e renascimento com o novo por meio das gerações que são filhos de duas culturas diferentes. Atualmente é muito difícil encontrar numa sala de aula, da alfabetização aos cursos universitários, algum aluno que possa afirmar que não tenha descendência alemã ou polonesa ou ainda italiana porque ou o pai ou a mãe nasceu no sul do país. É uma cultura vinda da mixagem das culturas, mas que não perdeu a essência do sulista e adota os hábitos e costumes dos cuiabanos. É um outro cidadão de Cuiabá que surge mais fortalecido e com outro olhar.

No caso dos migrantes, a violência subjacente à ruptura compulsória se reproduz no processo em curso em Cuiabá, exatamente quando estes se encontram no difícil processo de reconstrução de referências culturais (sem as quais nenhum homem sobrevive), inclusive afetivas, exatamente quando buscam interagir com os elementos da cultura local. [...] Uma nova identidade cuiabana, na qual não temos de um lado cuiabanos e de outro migrantes, mas podemos dizer que juntos temos cuiabanos de chapa e cruz e cuiabanos por adoção (BRANDÃO in TORRES, 1994, p. 198).

Mato Grosso cresceu e cresce devido a entrada dos novos cuiabanos. Com eles se incorporam técnicas de plantio desconhecidas na época, possibilidades de novos cultivos e mais audácia nos empreendimentos. Leite (1992, p.18) diz que o desenvolvimento da civilização “é mais nítido nos períodos de encontro ou fusão de

povos diferentes, como se o pensamento humano fosse estimulado pela diversidade e pelo antagonismo de opiniões.”

Nesse aspecto o cuiabano deve “dar mão à palmatória”. O desenvolvimento da cidade é visível, o comércio evoluiu, a produção agrícola do Estado é reconhecida mundialmente, o turismo está se estabelecendo e muita coisa ainda mudará. Por certo que seria um desenvolvimento que aconteceria de uma maneira ou de outra, mas que teve um impulso com a chegada dos imigrantes, isso é indiscutível.

5 Conseqüências na hospitalidade Cuiabana

Grinover (2002, p.26) define hospitalidade como sendo o “ato de acolher e prestar serviços a alguém que por algum motivo esteja fora do seu local de domicílio.”. Completando a definição anterior, Lashley (2004,p.21) diz que “o entendimento mais amplo a respeito da hospitalidade sugere, em primeiro lugar, que esta é fundamental, o relacionamento construído entre anfitrião e o hóspede” e Camargo (2003,p.15) completa dizendo que “[...] nada representa a hospitalidade que o ato de acolher pessoas que batem à porta”. Cuiabá sempre foi considerada uma cidade de povo hospitaleiro pelos turistas que a visitam. A hospitalidade na recepção do turista certamente sofreu uma mudança devido ao processo de desenvolvimento da região com a chegada dos novos cuiabanos e seus hábitos.

Ao definir a hospitalidade, nos defrontamos com diferentes enfoques. A hospitalidade tem a ver com o relacionamento dos indivíduos e a sua convivência nos diversos locais, a oferta de alimentos, bebida e acomodação. Lashley (2004) divide o domínio da hospitalidade em três: a social, a privada e a comercial. No domínio social, são considerados os cenários sociais em que a hospitalidade ocorre, juntamente com seus impactos sobre a produção e consumo de alimentos, bebidas e acomodação. No privado, leva em consideração o impacto do relacionamento entre o anfitrião e o hóspede onde a oferta da hospitalidade está no lar. Por fim, no domínio comercial diz respeito a oferta da hospitalidade enquanto atividade econômica. Neste momento estamos nos referindo a hospitalidade no domínio social porque, ainda de acordo com Lashley, é preciso estudar o contexto social em que as atividades de hospitalidade ocorrem especificamente (p.6, 2004) e no privado porque ao receber um visitante, “a oferta de alimentos, bebidas e acomodação representa um ato de amizade, cria laços



simbólicos e vínculos entre as pessoas envolvidas na partilha da hospitalidade” (p.15, 2004)

Para Selwyn (in Lashley e Morrison, 2004, p.47) a hospitalidade é o meio de criar ou consolidar relacionamento com estranhos. Assim, ela é maneira de atenuar qualquer desconforto que possa estar ocorrendo entre os indivíduos, pois está associado às possibilidades de prazeres que envolvem o anfitrião e o estrangeiro. Portanto, uma cidade cuja população é considerada hospitaleira é favorecedor para se estabelecer e criar vínculos mais íntimos.

Cuiabá era uma cidade pacata onde a confiança entre as pessoas pairava nas relações sociais. Nos fins de tarde o seu povo tinha o costume de ficar sentado nas calçadas das ruas, com suas cadeiras de fio de plástico, tomando um suco de caju natural e comendo um bolo de queijo, que os cuiabanos atuais insistem em chamar de pão-de-queijo, e jogando conversa fora. Parece uma cena de filme de época sobre a vida de uma pequena vila no interior do Brasil, mas era essa a cena que se via freqüentemente nas ruas da Cuiabá antiga.

Devido ao clima quente e a vegetação do cerrado, é grande a quantidade de frutas tropicais que se produz na região. O caju, a manga, a melancia, entre outras são fartas em determinadas épocas do ano e até os dias atuais ao visitante será servido o suco do caju ou do tamarindo, na casa de um “chapa e cruz”. O visitante também não sairá dessa casa sem antes experimentar o bolo de queijo ou o “francisquito”³ com o cafezinho coado na hora, ou ainda, os doces caseiros como o “furrundú”⁴ entre muitos outros. Sobre esses hábitos do cuiabano e sua hospitalidade, Barros comenta com certo saudosismo:

Gente de cor morena, muito mulato e uma boa quantidade de negros. Os brancos não eram numerosos. Mas o que distinguia o cuiabano era a hospitalidade, a simplicidade, a confiança fundada na razão, a grande capacidade de fazer amizade, a educação, a inteligência. Há quem diga que o cuiabano é indolente; só sabe ser funcionário público. Não é verdade. Isso só pode ser fruto da maldade ou da ignorância. [...] Está indo, porém, embora a hospitalidade do cuiabano. Já não se toma o cafezinho da hora ou o guaraná seguido do cigarrinho de palha nas visitas mesmo porque estas já vão rareando. A simplicidade já não existe. Acabou-se o hábito de sentar toda a família à porta da residência ao entardecer. Não há mais tempo para uma soneca na rede de ‘varanda’ (BARROS, 1984, p.80-81).

³ Biscoito doce que normalmente é servido com o café caseiro.

⁴ Doce caseiro feito com mamão e rapadura.



E continua se referindo a mudança causada pela chegada dos imigrantes no modo de vida da cidade dizendo que “Não há mais tempo para nada. Só trabalho. [...] Os novos habitantes vindos do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo ou da Síria, do Líbano, da Itália ou do Japão estão modificando nossos hábitos. Esses novos bandeirantes revolucionaram a pacatês da cidade”(BARROS, 1984, p.82).

Nota-se que houve uma mudança na maneira de receber o estrangeiro em Cuiabá. O progresso traz consigo a correria da rotina e os hábitos antigos desaparecem aos poucos, mesmo com a tentativa de alguns autores e grupos locais que tentam preservar por meio de peças teatrais, poesias e discussões sobre a tradição local.

O sentido mais puro da hospitalidade não se foi com o tempo. Passou por mutação inevitável, mas não desapareceu. Não se recebe mais a visita nas ruas. As casas de varandas grandes foram substituídas pelos apartamentos cada vez menores em busca de segurança. Para escapar das temperaturas altas, já não deixam as janelas abertas, ao contrário, as fecham para não permitir que o ar gelado dos condicionadores de ar saia do recinto. O guaraná em pó passou a ser consumido somente pelos mais velhos e filhos da terra, os mais jovens até continuam consumindo, mas diluído em sucos ou leite e não em água gelada.

O alimento tradicional, esse sim conseguiu conquistar os cuiabanos por adoção. Para De Paula (in Dias, 2002,p.72)

A idéia de compartilhar o alimento se associa ao princípio básico da hospitalidade: o prazer de satisfazer as necessidades dos outros que, explicado por teorias psicológicas, gera uma recompensa acima de tudo emocional e que faz parte da condição humana.

Neste caso, não apenas a satisfação nas necessidades do outro, mas o poder de criar vínculos afetivos com o próximo que o alimento prestou o seu papel na hospitalidade. O peixe do rio Cuiabá, feito de maneira tradicional, cozido, frito ou assado conquista a todos os que chegam na cidade. A “Maria Isabel” ou carne seca com arroz se assemelha com o arroz carreteiro comum ao povo do sul. Em contra partida, o imigrante sulista leva o churrasco temperado somente com o sal grosso, o mate e os CTG’s (Centros de Tradição Gaúcha) incorporando ao cotidiano da cidade, festas regadas a muita carne, música e dança.

Ao se reportar a um cidadão “chapa e cruz” que teve a sua vida toda incorporada ao cotidiano da cidade, ou a família é de origem da região, é impossível não notar a maneira peculiar do seu linguajar. Influenciado pelos índios, bolivianos e paraguaios a



forma como se fala é diferente do restante do país. A fonética da consoante “s” é muito parecida com o do carioca, mas o “r” é mais semelhante com o falado no interior de São Paulo, entretanto, o que o torna diferente é a maneira de pronunciar as palavras e o vocabulário somente entendido pelo habitante da cidade. Apesar de parecer um tanto desconfortável o fato de não entender por completo o que o outro diz, o acolhimento dispensado pelo anfitrião e o esforço perceptível em receber o outro que chega em sua casa conquistam o visitante.

É o conjunto da tradição, da comida, do linguajar e do acolhimento que definem a hospitalidade e a identidade de um local. Em Cuiabá ainda falta muito para se tornar um exemplo de hospitalidade. Grinover (in Bueno e Dencker, 2003, p. 51) diz que

Fundamentalmente, trata-se de construir um conjunto de indicadores ambientais urbanos de hospitalidade, situado, inicialmente, em um sistema coerente, que reflita o mais fielmente possível as inter-relações entre os subconjuntos do ambiente natural, os subconjuntos sociais e os subconjuntos culturais em um contexto espacial urbano bem determinado.

Falta vida cultural, infra-estrutura urbana como transporte, espaço de recreação e lazer entre outros, mas se depender dos seus filhos, tanto os “chapa e cruz” quanto os “paus-rodados”, ela já é uma cidade que tem a hospitalidade no seu mais puro significado: o relacionamento.

6 Considerações Finais

Todo o processo de fusão de vários componentes é traumático, principalmente se variáveis culturais e de identidade estiverem envolvidos. O que ocorreu foi que em pouco espaço de tempo um povo se vê invadido pelo outro que aparecia com idéias diferentes e costumes diversos. O mesmo não aconteceu com a chegada dos estrangeiros no início do século XX, pois, aos poucos chegaram e paulatinamente se apresentaram. Atualmente, muitos filhos de libaneses, sírios e árabes são defensores das tradições cuiabanas.

Outro fator que deve ser levado em consideração é a divisão do Estado. Apesar de comprovadamente ter sido benéfico para os dois lados, Mato Grosso se vê dividido após uma luta em vão para a unidade do Estado. A hostilidade criada com o movimento faz aflorar o sentimento de bairrismo e o orgulho é ferido. Nesse mesmo instante em que se começa a aceitar a nova situação, começam a chegar uma avalanche de gente



estranha, bebendo mate quente e reclamando do calor. Parece bizarro, mas é como se o povo estivesse tomando uma super dosagem de uma vacina que muitos nem sabiam para o que servia.

Compreensivo o sentimento hostil na recepção dos imigrantes do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais ou outro Estado. Os “pau-rodados”, inicialmente chamados de maneira preconceituosa, conseguiram se adaptar à nova terra e formaram famílias e tem filhos com cuiabanos se tornando os “chapa-e-cruzes” dos dias atuais. Não são nem negros ou brancos, mas uma mistura de raças que mudam o cenário étnico de Cuiabá. É o retrato do Brasil antigo e moderno. Um país peculiar e diverso na sua etnia.

Referências

BARROS, João Moreira de. **Cuiabá de hoje**. Da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. São Paulo. Editora Resenha Tributária Ltda. 1984

BESSANEZI, Maria Silva C. Beozzo. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide, **Emigração e Imigração internacionais no Brasil**. Campinas; FNAUAP e NEPO/UNICAMP, 1996.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. Movimento cidadão, educação e cidadania, in: TORRES, Ártemis (org.). **Mato Grosso em movimentos: ensaios de educação popular**. Cuiabá: EdUFMT, 1994 (189-200)

_____, **A catedral e a cidade: uma abordagem da educação como prática social**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003. p.7-27.

ELIAS, Rodrigo. Braços para fazer um país. In: Revista **Nossa História**. Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz, nr. 24, outubro 2005, , ano 2, p.14-18

GOMES, William. Dicionário Cuiabanês. Cuiabá, 2000.

GRINOVER, Lúcio. Hospitalidade e qualidade de vida: instrumentos para a ação. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003. p.49-59.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2004. p. 1-23.

CORRÊA, José Aquino Batista. **História & estórias do fisco Mato-grossense**. Cuiabá: Genus, 1996



DAMATTA, Roberto. **Relativizando; uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

HOLANDA, S.B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 26 ed., 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> acesso em 01 de Dezembro de 2005.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri, SP: Manole, 2004.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo, Editora Ática, 5ª. Edição, 1992.

MARTINE, G., “Estado, economia e mobilidade geográfica no Brasil, In: Revista Brasileira de Estudos da População, V.11, nr. 1, jan/jun 1994.

MATSUBARA, Marilda. A dimensão educativa-política das organizações populares, in: TORRES, Ártemis (org.). **Mato Grosso em movimentos: ensaios de educação popular**. Cuiabá: EdUFMT, 1994 (253-272)

PAULA, Nilma Morcerf de. Introdução ao conceito de hospitalidade em serviços de alimentação, in: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.) **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2002, p. 69-82

PESSANHA, Andréa Santos. Em nome do progresso. In: Revista **Nossa História**. Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz, nr. 24, outubro 2005, , ano 2, p.20-22.

ROSA, Carlos. Evolução urbana de Cuiabá: notas históricas, IN: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Promoção. **Estudos de tombamento**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995 (Cadernos de Documentos,2)